

Universidade Federal de São Paulo
Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Dossiê para Debate

A crise da Escola de Humanidades da Unifesp e sua permanência no Pimentas

Julho
2012

Apresentação

1. O objetivo deste dossiê é elaborar um diagnóstico das causas da crise da EFLCH, a fim de reunir informações e contribuir para um amplo debate nos diferentes fóruns da Unifesp e do Governo Federal a respeito da necessidade de refundação da EFLCH, o que inclui uma análise rigorosa da conveniência de a mesma permanecer no Bairro dos Pimentas, em Guarulhos. É também propor um prognóstico sob um duplo ponto de vista: a permanência ou a saída da EFLCH do Bairro dos Pimentas. Como se poderá observar, as causas mais profundas e menos aparentes da crise da EFLCH estão estreitamente vinculadas não apenas aos atuais problemas de infraestrutura, mas sobretudo à sua localização. Todavia, se a resolução deste debate resultar em mudança de local, isso não significará a saída da universidade do Bairro dos Pimentas. Ao contrário, o que lá há de permanecer será uma atividade efetiva de colaboração com as necessidades locais. Todas as atividades atuais ou que poderão surgir do trabalho no bairro não serão prejudicadas com a mudança, mas terão continuidade, em particular as desde já garantidas pela extensão.

1.1. Por “crise da EFLCH” entende-se aqui não apenas (i) a demora nas obras de construção do Campus Guarulhos ou (ii) o conjunto de atos violentos vividos no campus em função da prática de parte do movimento estudantil e da intervenção policial, mas também (iii) as dificuldades implicadas pela localização do campus no Bairro dos Pimentas, (iv) o processo de esvaziamento de sentido do Projeto Acadêmico original da EFLCH, (v) a falta de consulta ao conjunto do corpo docente para a tomada de decisões concernentes tanto às medidas emergenciais para solucionar provisoriamente os problemas de infraestrutura como ao futuro da EFLCH, (vi) o enfrentamento do movimento estudantil com relação não apenas às instâncias administrativas da universidade, mas também ao corpo docente, funcionários e outros estudantes, (vii) o questionamento do movimento estudantil e alguns segmentos do bairro com relação à formação proposta pela EFLCH, (viii) o isolamento vivido pelo campus no tocante à vida cultural, (ix) a dificuldade de efetivar o Projeto Acadêmico original da EFLCH no Bairro dos Pimentas. Esses fatores instituíram uma crise tão aguda, a ponto de inviabilizar-se o cumprimento não apenas dos deveres e incumbências da EFLCH, mas também do Projeto REUNI.

2. Este dossiê foi elaborado por um coletivo de docentes, com base em análises iniciadas no âmbito do Departamento de Filosofia (DF) da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (EFLCH) da Unifesp e ampliadas para os outros departamentos da EFLCH. As análises fundamentam-se na experiência vivida pelo corpo docente desde a inauguração da EFLCH, em 2006, no Bairro dos Pimentas, Guarulhos, e na coleta de dados feita por meio do diálogo com docentes, estudantes, funcionários e moradores do bairro.

3. O dossiê dirige-se, de maneira geral, à comunidade acadêmica da EFLCH, convidando-a ao debate, e de modo particular aos colegas docentes. Também, por representar a posição de parte expressiva dessa comunidade, ele se constitui em uma solicitação formal à Reitoria da Unifesp, à Diretoria Acadêmica e à Congregação da EFLCH para que, nesses três níveis, se considere oficialmente o diagnóstico e o prognóstico aqui propostos. Toda a comunidade acadêmica certamente reconhece - mesmo com possíveis divergências - as iniciativas da Reitoria e da Diretoria Acadêmica para encontrar soluções à crise da EFLCH. Na continuidade do diálogo com essas instâncias determina-se o significado deste dossiê.

4. A fim de encontrar soluções adequadas para a crise da EFLCH e deliberar sobre seu futuro, é essencial que as autoridades universitárias e as autoridades do Governo Federal considerem as

perspectivas do corpo docente, sobretudo a experiência de 6 anos dos membros mais antigos, beneficiando-se dessa experiência, pois os docentes são os principais protagonistas a garantir a continuidade e estabilidade de um campus universitário. Nesse sentido e pelas razões que serão expostas a seguir, não convém que decisões como as soluções provisórias para a instalação do campus (aluguel de galpões industriais, utilização do CEU-Pimentas etc.) ou mesmo a permanência da EFLCH no Bairro dos Pimentas sejam tomadas apenas pela Reitoria em consulta à Diretoria Acadêmica do Campus Guarulhos.

4.1. Por força das circunstâncias adversas, a atuação da Congregação da EFLCH na resolução da crise tem sido prejudicada, inclusive em função de informações improcedentes, fornecidas por instâncias superiores do governo da universidade. Todavia, a Congregação é a representante legítima da comunidade da EFLCH e cabe a ela oficializar o debate aqui proposto.

5. O presente momento é o mais propício para proceder à análise das causas da crise da EFLCH e da conveniência de a EFLCH permanecer no Bairro dos Pimentas, tendo em vista (a) o elevado custo dos aluguéis dos prédios industriais encontrados para abrigar provisoriamente a EFLCH, (b) a verba reservada à construção do campus, cuja utilização pode ser concebida diferentemente, (c) o esvaziamento do campus, ocasionando não apenas a instrumentalização do movimento estudantil por parte de uma minoria com programas de ação externos à universidade, mas também (d) a falta de condições subjetivas dos docentes e funcionários para engajar-se em atividades no campus, dado o clima de desânimo e medo, (e) a possibilidade de questionar a relação custo-benefício nas escolhas tomadas pela universidade para encaminhar uma solução à crise da EFLCH.

5.1. A fim de esclarecer em termos comparativos o que concerne à verba para construção do campus, vale dizer que os R\$ 50 milhões anunciados pela Reitoria e a Diretoria Acadêmica equivalem ao dobro do orçamento anual de subprefeituras paulistanas como Pinheiros e Campo Limpo (montante que não inclui as outras verbas previstas nas linhas regulares de financiamento das secretarias do município de São Paulo). Em benefício do uso desejável do dinheiro público, cabe a questão da conveniência de se construir um campus novo em meio a tantos indícios negativos, como os levantados por este dossiê.

6. Ao recuperar as instalações físicas existentes (depois da ocupação por parte do movimento estudantil), a Reitoria e a Diretoria Acadêmica têm afirmado que o campus possui condições para reaver sua institucionalidade. Dados, porém, o desgaste e a desagregação decorrentes dos fatos, a normalização das atividades da EFLCH não parece possível sem uma revisão das condições efetivas de funcionamento do campus. Depois da violência vivida nos últimos meses, é improvável que a normalidade possa ser reavida simplesmente com atividades como a reabilitação das instalações, pintura de paredes, realização de reuniões administrativas, despacho de documentos, abertura da biblioteca etc. É um dado inequívoco que parcela considerável dos docentes, alunos e funcionários não se encontra com condições subjetivas para voltar ao campus: somam-se às condições estruturais inadequadas as condições psicológicas de medo, falta de confiança, trauma e desânimo. Nessas condições, não é de estranhar que professores tão bem habilitados pelos concursos e bancas que os aprovaram possam desejar deixar a Unifesp, principalmente se se considerar sua elevada qualidade profissional e as possibilidades de trabalho que se apresentam em outros contextos menos conflituosos e mais estabilizados. Também não é de estranhar o rareamento de candidatos para os concursos de docentes, nem a evasão estudantil (que será comentada adiante).

7. A responsabilidade social de uma universidade é, antes de tudo, a pesquisa e o ensino de nível superior. No caso específico de uma Escola de Filosofia, Letras e Ciências humanas, pode-se dizer que sua vocação implica atuar de forma reflexiva e crítica na interpretação e produção dos conhecimentos intrínsecos a cada área. É com esse norte que o presente dossiê, mais do que afiar e desfilar argumentos favoráveis ou contrários à permanência da EFLCH no Bairro dos Pimentas, pretende que sua análise baseie-se em fatos. Para tanto, levanta os seguintes aspectos, que serão desenvolvidos nos parágrafos 8-50:

- (a) as dificuldades institucionais na resolução da crise da EFLCH (§ 8);
- (b) a infraestrutura precária, incluindo as instalações provisórias do campus (§§ 9-13);
- (c) a dificuldade de acesso à EFLCH (§§ 14-18);
- (d) o isolamento cultural da EFLCH e a concepção de “periferia” (§§ 19-22);
- (e) as causas menos explícitas da crise da EFLCH (§§ 23-33);
- (f) equívocos na justificativa para a EFLCH continuar no Bairro dos Pimentas (§§ 34-36);
- (g) o REUNI, a Prefeitura de Guarulhos e a EFLCH (§§ 37-38);
- (h) as possibilidades de uso mais adequado da verba reservada à EFLCH (§§ 39-41);
- (i) a exclusão praticada pela EFLCH enquanto permanecer no Bairro dos Pimentas (§ 42);
- (j) prognóstico 1: a permanência no bairro (§§ 43-46);
- (k) prognóstico 2: a saída do bairro (§§ 47-50).

A - Dificuldades institucionais na resolução da crise da EFLCH

8. Como dito anteriormente, são inegáveis as tentativas da Reitoria da Unifesp, em parceria com o Ministério da Educação e em consulta à Diretoria Acadêmica do Campus Guarulhos, para resolver a crise da EFLCH. Essas tentativas, no entanto, revelam-se problemáticas, pois não chegam às causas da crise. A Reitoria e a Diretoria Acadêmica têm centrado sua análise da crise da EFLCH apenas nos atrasos do processo licitatório para construção do campus definitivo e nos atos de violência praticados pelos estudantes (com seu ápice no enfrentamento de 14 de junho p.p.). Por isso, têm insistido em medidas de circunstância, como o aumento da segurança do campus, a assinatura de convênio para mais uma linha de ônibus (o chamado “porta a porta”), a aceleração da compra de terreno, o aluguel de dois prédios industriais (sendo um deles o da empresa Stiefel, que será comentado especificamente adiante) etc. É de frisar, aqui, a importância da consulta ao conjunto da comunidade acadêmica, especialmente o corpo docente, pois aqueles que frequentam assiduamente o Campus Guarulhos são os mais aptos para falar sobre as causas da crise da EFLCH. Decisões dessa natureza não podem ser eficazes se tomadas apenas em gabinetes.

8.1. Um critério essencial para avaliar a crise e buscar soluções é ter sempre em mente que os vários departamentos que a compõem foram criados com base em um Projeto Acadêmico original que, no plano de expansão da Unifesp, visava criar as faculdades de filosofia e humanidades, atendendo pesquisa, docência e extensão e preenchendo uma lacuna até então existente na Unifesp. Tratava-se de partilhar a mesma qualidade de pesquisa, docência e extensão em filosofia e humanidades alcançada pelas universidades estaduais paulistas. Para tanto, o projeto que fundou a EFLCH organizou-se, desde seus primórdios, pela exigência de pesquisadores-doutores cujo currículo e desempenho em seus concursos atendessem ao ideal de formar especialistas em suas áreas, não somente *experts*, mas profissionais cultos no âmbito da filosofia, das ciências e das humanidades. A razão de ser das ciências humanas é, antes de tudo, fortalecer o sentido histórico dos saberes e habilitar os estudantes para a compreensão da complexidade e historicidade dos conhecimentos, a fim de evitar restringir a

ação acadêmica às contingências do presente. Razão pela qual toda universidade dedica-se ao ensino “superior”, a mais alta contribuição que um país tem a oferecer a seus cidadãos (de maneira direta aos estudantes e de maneira mediada por eles como futuros diplomados que irão desempenhar com excelência e responsabilidade intelectual suas profissões). Isso requeria e requer formar a EFLCH em paridade com as mais reconhecidas universidades no plano nacional e internacional. Nesse sentido, o Projeto Acadêmico concebeu, por exemplo, disciplinas obrigatórias em línguas estrangeiras como requisito à participação efetiva na vida universitária superior, oferecendo qualidade de formação àqueles que historicamente estiveram excluídos dos bens culturais a que todos têm direito. Concebeu também maneiras de pôr todos os seus estudantes em contato com diferentes metodologias filosóficas, dado o inestimável enriquecimento implicado por esse contato, sobretudo para a reflexão sobre os fundamentos de cada área do saber. Assim, a EFLCH, para servir com excelência toda a sociedade, não pode renunciar a seus princípios. Se é verdadeiro que há muito a contribuir para um bairro ou uma região, a universidade o fará tanto melhor quanto mais ampliar seu arco de abrangência no país e fora dele.

8.2. Constatar isso não significa, porém, defender que a Unifesp deixe o Bairro dos Pimentas. Ainda que ela se tenha instalado aí por contingências históricas, não pareceria desejável que ela simplesmente se retire. Caso se viabilize o prognóstico da saída da EFLCH do Bairro dos Pimentas, a Unifesp pode aí continuar com os equipamentos já disponíveis e ao alcance do que a universidade pode de fato fazer para as necessidades locais. Como é sabido, a Unifesp possui uma inserção no bairro por meio de hospital, atividades de extensão e trabalho de docentes junto a escolas, por exemplo. Todas essas atividades podem continuar a desenvolver-se. O que se mostra necessário, no entanto, é analisar se o Projeto Acadêmico da EFLCH tem condições de ser cumprido no Bairro dos Pimentas.

B - Infraestrutura precária da EFLCH

9. É de conhecimento geral que a infraestrutura da EFLCH no atual campus está saturada desde 2008. O que, nos discursos oficiais, costuma-se chamar de “estrutura minimamente razoável” é o conjunto de um prédio apropriado para uma escola de nível fundamental/médio mais um anfiteatro que, embora possua boa estrutura, acaba sendo subutilizado pela EFLCH. A cada semestre, com o aumento da demanda por salas de aula, adotam-se soluções provisórias, como a construção emergencial do prédio anexo e o empréstimo das salas do CEU-Pimentas (interditado à EFLCH enquanto durar a greve estudantil). Tais soluções, muitas vezes, são complicadoras do ritmo das atividades acadêmicas, como é o caso das aulas de pós-graduação, que precisam ser ministradas pela manhã, fora do horário regular de trabalho dos docentes (vespertino-noturno), porque simplesmente não há salas disponíveis à tarde ou à noite.

10. Grave dificuldade marca a tentativa de permanência no campus no dia-a-dia. As salas de docentes estão superlotadas, não há espaços de convivência, de encontro, de orientação de alunos e para os grupos de estudo. Muitas atividades extraclasses, como palestras, exibição de filmes, grupos de pesquisa etc. ficam limitadas ao intervalo entre as aulas da tarde e da noite (das 18h às 19h30min). São escassas as possibilidades de alimentação (o restaurante universitário é precário e pequeno), de descanso e de convívio. A saturação da biblioteca, nesse contexto e contrariando a ideia de que a situação crítica está sendo contornada, é um dos problemas mais graves para a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. A EFLCH possui livros comprados pela Unifesp e pela FAPESP (em função das ementas dos cursos oferecidos) mas não pode dispor deles,

pela falta de espaço. Essa estrutura inadequada e em grande medida improvisada não é condizente com a tradição de pesquisa e docência superior da Unifesp nem com uma vida acadêmica das dimensões atuais e potenciais da EFLCH.

11. O número de docentes da EFLCH, com sua reconhecida qualificação, leva naturalmente à criação de uma intensa vida acadêmica, com colóquios, congressos nacionais e internacionais, grupos de pesquisa institucional e interinstitucional etc. A experiência tem demonstrado o quão difícil é levar a cabo as atividades programadas para o Campus Guarulhos: por exemplo, conferencistas previstos para o período noturno e residentes em São Paulo têm de sair com cerca de duas horas e meia de antecedência, para chegar pontualmente. Quando ocorre de chegarem antes do horário previsto, não têm uma estrutura favorável para acolhê-los. Vários eventos foram cancelados, em virtude do atraso demorado dos conferencistas; outros tiveram um público diminuto, devido à distância do campus. De modo geral, o público de tais eventos não costuma ser grande; poderia ser maior, difundindo melhor seus resultados, caso a EFLCH estivesse situada em local de acesso facilitado, com estrutura mínima no entorno (hotéis, restaurantes etc.).

12. Diante da proposta da Reitoria da Unifesp, por meio da Diretoria Acadêmica, de alugar dois prédios industriais é inevitável perguntar se durante dois ou três anos (enquanto durarem as obras do campus definitivo) será possível desenvolver pesquisa e docência nos níveis de exigência para os quais os docentes da EFLCH foram concursados. Ademais, como farão eles para transitar de um local a outro se não forem ao campus com automóveis? Muitos professores e funcionários não têm automóvel. Transitarão a pé? A administração estará junto com as salas de aula?

13. No caso específico do prédio da empresa Stiefel, que a Unifesp pretende alugar, é de conhecimento público o problema de adaptação do ar condicionado do referido prédio. A Stiefel, pelo que fez saber a membros do corpo docente da Unifesp, recusa-se a fazer tal adaptação, que seria da ordem de 2 milhões de reais. No entanto, o prédio foi projetado para funcionar com ar condicionado central. A Unifesp estaria na iminência de alugá-lo apesar dos problemas, o que acarretaria, por exemplo, a utilização de salas sem janelas e com iluminação artificial. Tal situação, de gravidade explícita, apenas indica que as medidas circunstanciais adotadas pela Unifesp não concorrem para a atividade de pesquisa e docência universitária, sobretudo com o nível de exigência da EFLCH.

C - A dificuldade de acesso à EFLCH

14. A dificuldade de acesso à EFLCH diz respeito a 80% ou mais dos estudantes (sem mencionar os estudantes de pós-graduação, a quase totalidade dos docentes e alguns funcionários). Segundo, por exemplo, os estudos de 2011 da PRAE-Unifesp sobre o perfil dos estudantes, 64,05% deles não provêm de Guarulhos. Os 35,97% restantes procedem dos outros municípios que compõem a Grande São Paulo. Visto ser bastante grande a parcela de alunos procedentes do ABC e mesmo de Osasco, pode-se afirmar que os alunos procedentes de Guarulhos são a estrita minoria na comunidade acadêmica. Além disso, vale ressaltar o relato de estudantes residentes na cidade de Guarulhos e que dizem empregar, em geral, mais tempo para chegar ao Bairro dos Pimentas do que, por exemplo, ao centro de São Paulo. Quanto aos não provenientes de Guarulhos, sua origem é, na maior parte, a Zona Leste e a Zona Norte de São Paulo, além dos municípios próximos, principalmente do Vale do Paraíba e do eixo Jundiaí-Campinas.

15. Como se disse anteriormente, questão talvez mais significativa é a dificuldade de permanência no campus, dada sua distância dos equipamentos urbanos de transportes facilitadores para as diversas atividades correlatas à universidade e de convivência acadêmica prolongada nas dependências locais e próximas, razão pela qual o campus foi quase totalmente esvaziado nos últimos meses não apenas devido às ocupações realizadas por parte do movimento estudantil, mas também ao manifesto desinteresse da imensa maioria do corpo docente e discente, não havendo por que ir até lá. Isso facilita a ação dos grupos estudantis minoritários e não dispostos ao diálogo.

16. Em tal contexto, é importante considerar que, das três instâncias que constituem a vida acadêmica, professores e funcionários possuem atribuições no longo prazo, e os estudantes sucedem-se na alternância das gerações. Nessa situação assimétrica, a carreira docente possui altas exigências no tocante à qualidade de sua pesquisa e docência. As atividades de pesquisa e extensão, em particular, requerem a participação de profissionais de outras cidades e países, bem como de estudantes cuja estada no campus por períodos curtos deve ser facilitada de muitos pontos de vista, desde acomodações até convivência em torno da universidade. Malgrado a qualidade excepcional de seus participantes, a frequência a essas atividades, em geral, é baixa, o que estreita o alcance e a eficiência que, por sua natureza, tais iniciativas deveriam permitir.

17. Os problemas de mobilidade urbana na Grande São Paulo não são, evidentemente, exclusivos do Bairro dos Pimentas. Isso não minimiza, no entanto, a gravidade específica do bairro. Não existe qualquer expectativa de que possa haver um transporte de massa para o Bairro dos Pimentas. O único recurso disponível é o transporte viário, isto é, um transporte que, seja em automóveis, seja em ônibus ou vans, esbarra na saturação das vias de acesso, notadamente da Rodovia Presidente Dutra e do eixo principal do bairro, a avenida Juscelino Kubitschek. Os arredores do campus abrigam várias transportadoras e depósitos industriais; o Centro de Abastecimento de Guarulhos é vizinho ao campus. Esses fatores resultam em um incontável número de caminhões que atravancam as vias durante todo o dia. O trânsito pelo bairro é também uma forma usada para desviar das restrições para circulação na Marginal Tietê. Quem se dirige ao bairro a partir da Zona Leste não encontra menos dificuldades, visto que se é obrigado a cruzar outros tantos bairros populosos, como São Miguel, onde existem raras avenidas dispostas para um fluxo mais intenso. Como se apontou anteriormente, mais de 70% dos estudantes não moram em Guarulhos e, portanto, são obrigados a conviver com essa precária mobilidade diariamente. Essa imensa maioria, dirigindo-se ao campus e saindo de São Paulo ou passando por lá, dependem um tempo de deslocamento excessivo. Esse tempo pode ser quantificado, e existem relatos de até 3 horas de viagem para aqueles que, por trabalhar e só podendo estudar à noite, fazem esse deslocamento depois das cinco da tarde (horário crítico). Como resultado, os alunos chegam sistematicamente atrasados às aulas (as aulas do noturno, que começariam às 19h, somente começam a ter alunos depois das 19h30min-20h) e têm de sair mais cedo, pelas 22h, quando normalmente as aulas devem terminar entre 22h30min e 23h. Mesmo os moradores de outros bairros guarulhenses relatam viagens de, no mínimo, uma hora para o campus. Estudantes que vêm de ônibus do Vale do Paraíba dizem que prefeririam descer na rodoviária do Tietê, em São Paulo, e de lá dirigir-se a algum lugar com transporte público mais correto do que continuar descendo no trevo do Bonsucesso (que interliga a Dutra com os bairros Bonsucesso e Pimentas), pois, além de inóspito, o trevo conta com poucos ônibus que levam ao campus, com esperas que chegam a 1 hora.

18. Contudo, por melhor que se pudesse quantificar esse tempo, sabemos que esse seria um parâmetro incabível, pois se trata de um tempo que se passa longe do convívio com os colegas, com os livros, com os professores; em suma, com um ambiente propício para a formação universitária.

Uma universidade é espaço de encontro e sociabilidade, onde se criam laços de confiança e afabilidade na convivência cotidiana. O que se vive no Campus Guarulhos é uma situação incompatível com a formação acadêmica, levando, ademais, a outros dois problemas para cuja solução a EFLCH tem revelado sérias limitações:

18.1. o problema da enorme evasão contabilizada em todos os cursos. Vale acrescentar, como comparação, que essa também foi a experiência da USP-Leste, pois, segundo estatísticas oficiais, o problema da evasão só pôde ser resolvido com a abertura de uma estação de trem dentro do campus, pois 95% dos estudantes não vêm do entorno;

18.2. o problema de uma formação prejudicada, com a qual o estudante terá de lidar durante sua vida, repercutindo em sua atividade profissional, inclusive em sua atividade docente futura. A dificuldade extrema de acesso ao Campus Guarulhos impede que os alunos recebam devidamente a formação concebida pelo Projeto Acadêmico original da EFLCH. Tal projeto já está descaracterizado, pois a organização atual e instalação da EFLCH dificulta o intercâmbio formativo previsto pelo Projeto, o enriquecimento docente e discente pelo diálogo com as variadas modalidades de cultura formal, a frequência assídua e intensa de boas bibliotecas etc. É preciso lembrar que a EFLCH foi fundada para cumprir seu Projeto Acadêmico original; não para atender às urgências do Bairro dos Pimentas. A esse respeito, lembre-se que, desde o início do campus, a expectativa de atividades voltadas para o bairro foi fator de tensão não pelo isolamento da EFLCH, mas pela dificuldade em adaptar seu Projeto Acadêmico a questões pragmáticas urgentes do bairro, como a formação de professores e atividades culturais fecundas e duradouras das quais a região é carente. Tais iniciativas não se ampliaram como se esperava, justamente porque é da população local que devem advir as solicitações de trabalhos dos quais o município necessita, e não o contrário. Daí a razão de, à parte os movimentos de militância política localizada e com interesses próprios, essas expectativas terem sido frustradas porque de difícil execução.

D - O isolamento cultural da EFLCH e a concepção de “periferia”

19. É desnecessário demorar-se em dados que comprovem o isolamento cultural da EFLCH no Bairro dos Pimentas, ou seja, o total isolamento com relação aos recursos indispensáveis ao ofício do estudante e do docente de filosofia e ciências humanas, como, por exemplo, boas bibliotecas, bons cinemas, arquivos especializados, museus, oficinas de arte, bons teatros, salas de concerto etc. Esse fato é grave na formação oferecida aos estudantes da EFLCH, pois não há o diálogo com a cultura formal indispensável para uma Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. No mundo atual, em que tanto se critica a especialização precoce e desvinculada de uma formação humanista ampla, a Unifesp corre o risco de andar na contramão, isolando principalmente seus estudantes num bairro tão distante e tão carente. A experiência tem mostrado que uma formação rica do ponto de vista cultural não é facilmente compatível com algo como os ideais de uma “universidade de periferia”. Não há nenhum problema em estar na periferia de alguma cidade; nem no centro. O problema reside na falta de elementos que nutram a vida universitária, agravada pela expectativa de que seja a universidade a nutrir seu entorno.

19.1. No modo como tem sido empregada por autoridades políticas e membros da Unifesp, a concepção de “periferia”, ao desejar corrigir injustiças e exclusões, acabou por criar um paradoxo, uma vez que estudantes moradores de periferias estão cristalizando sua identidade justamente como pertencimento local, quando a responsabilidade da universidade é sobretudo

a de ampliar as experiências sociais, a fim de romper com as tendências à formação de particularismos, que são o prenúncio de intolerâncias e fundamentalismos. Só assim a Universidade estará contribuindo para uma justiça social efetiva e não apenas conjuntural.

19.2. Da perspectiva de parte dos estudantes e moradores do bairro, a saída da EFLCH do Bairro dos Pimentas representaria um abandono, principalmente abandono de um bairro com tão longo histórico de desigualdade social. Pode-se compreender semelhante sentimento, mas ele não pode dar origem a uma autovitimização ou a um discurso vitimista, como se uma eventual saída do bairro significasse sua rejeição. Tal saída representaria a saída da EFLCH, mas não da universidade, que poderia continuar no Bairro dos Pimentas, oferecendo serviços realmente exequíveis. As diferentes possibilidades da atividade de extensão poderiam encontrar aí pleno desenvolvimento, e mesmo graduações que não fossem tão afetadas pelo isolamento aqui descrito.

19.3. Fora do Brasil há muitos exemplos históricos dos quais o Governo Federal e a Unifesp poderiam beneficiar-se. Um deles é a Universidade de Paris X - Nanterre, criada no intuito de atender à prestação de serviços. Ela foi instalada próxima a um bairro pobre, o que paralisou seu desenvolvimento, dado que a universidade foi tomada pelas diversas organizações políticas partidárias com caráter assistencialista. Hoje, quase meio século depois, a Universidade de Nanterre não se consolidou, mas permanece periférica no sentido de seu isolamento com respeito às outras universidades francesas. Também não resolveu as questões urgentes do bairro, como facilitação do acesso, melhoria salarial e de moradia, questões essas que voltaram a explodir nas prefeituras locais. Os problemas da Universidade de Nanterre são muito semelhantes aos da EFLCH, e propiciados em grande parte pelo isolamento com relação aos centros em geral e aos centros de cultura em particular. Curiosamente, Nanterre também é considerado um campus de periferia, embora esteja em plena cidade de Paris (La Défense).

19.4. Fala-se, em alguns contextos, da justiça histórica que significa fundar um campus de periferia. Mas essa fala pode ser profundamente contrária ao caráter universalista da universidade. Todo campus universitário, seja em um centro, seja em um bairro afastado do centro, requer condições semelhantes. Se um bairro periférico provir a universidade de tais condições, nada a impede de aí se instalar. O que a experiência de 6 anos da EFLCH prova, entretanto, é que ela está longe de ver satisfeitas suas necessidades básicas, sem falar dos problemas adicionais que lhe pesam sobre os ombros.

20. Não se pode esperar da EFLCH que seja ela a levar formas de cultura ao Bairro dos Pimentas, como desejariam algumas autoridades e parte dos estudantes, pois esse não é o papel de um campus universitário. Seu papel, no que concerne à cultura, não é diretamente a produção ou a promoção artística, embora elas possam ocorrer em seu espaço, sendo mesmo desejável que ocorram. À universidade cabe o fortalecimento das práticas culturais com base na promoção do debate crítico, análises e interpretações, isto é, da apropriação intelectual de tais práticas com base na produção de sentido. Ela não pode, portanto, ter como foco demandas específicas de consumo ou difusão cultural, a menos que desqualifique sua própria atividade, que é de caráter diverso.

21. De outra perspectiva bastante específica, é importante salientar que a Unifesp tem extrema responsabilidade em relação aos estudantes que vivem em repúblicas próximas ao campus. Por um lado, esses estudantes têm a enorme vantagem de não precisar passar horas diariamente nos

deslocamentos urbanos e poder frequentar com maior assiduidade e pontualidade as aulas e outras atividades acadêmicas. Por outro lado, têm desvantagens de enormes proporções, principalmente a absoluta falta de acesso à cultura formal no Bairro dos Pimentas. Esse é um fato de não pouca importância, pois, como se diz, a cultura é a "matéria" primeira com a qual operam os cursos de filosofia e ciências humanas. A título de exemplo, como um aluno da área de humanidades, cuja formação requer não apenas especialistas, mas especialistas cultos e cultivados, pode encontrar ambientes propícios para reflexão em locais tão distantes dos equipamentos culturais? E como pedir, por exemplo, que eles se desloquem nos finais de semana do Bairro dos Pimentas ao centro de São Paulo quando o transporte público, como se sabe, é ainda mais escasso e difícil? Têm eles de ficar confinados, sem mesmo opções de lazer? Como agravante, os estudantes residentes nos entornos do Campus Guarulhos convivem com o tráfico de drogas às portas de suas casas. Há relatos de estupros, de invasões de repúblicas por policiais civis à procura de drogas e traficantes e de assaltos à mão armada em bar que costuma ser frequentado por estudantes. Evidentemente, essa situação não é vivida apenas pelos estudantes da Unifesp, mas por todos os jovens do Bairro dos Pimentas; é certo, porém, que essa não é uma razão para que se tolere o confinamento e o risco dos nossos estudantes, que, aliás, pela situação de isolamento, apresentam maior permeabilidade a esses riscos. É de desejar que a universidade garanta uma experiência acadêmica livre, rica e a mais segura possível.

22. É útil perguntar por que, em diferentes instâncias da Unifesp, subestima-se sistematicamente o fato de a imensa maioria dos estudantes não pertencer ao Bairro dos Pimentas nem mesmo a Guarulhos. Considere-se o efeito perverso aos esforços de acesso e permanência estudantil, bem como à adesão da Unifesp ao ENEM (que propicia a vinda de estudantes de diversas regiões do país), pois apenas estudantes que não trabalham podem cursar convenientemente a EFLCH, ou estudantes que gozem de condições financeiras próprias, seja familiares seja como bolsistas, o que culmina em uma elitização dos cursos.

E - Causas menos explícitas da crise da EFLCH

23. Não é razoável identificar o conjunto de causas da crise da EFLCH apenas com o problema da infraestrutura e da violência estudantil. Atendo-se, por enquanto, apenas à hipótese da existência de um campus bem estruturado, é possível perguntar pelo que justificaria sua existência em um bairro de grandes carências de ordem social e de políticas públicas, seja o Pimentas ou outro qualquer. É da natureza da vida acadêmica - que se empenha em pesquisa e docência, devendo reunir todos os seus professores para formar, instruir e informar seus estudantes - o exercício da alta pesquisa e dedicação exclusiva, para que, no decorrer da vida profissional, os estudantes mesmos possam efetivamente responder pelo aprimoramento das condições sociais e políticas da vida pública. Uma universidade, assim, para melhor servir a todos, não circunscreve sua presença em um bairro, pois dialoga com a sociedade em geral e em especial com as demais universidades; ela é o ambiente de onde se irradia o conhecimento capaz de facultar a qualidade de vida material e espiritual da sociedade. Em seu todo, uma universidade não poderia sobreviver como tal adaptando-se às condições de sua localização, pois ela não tem o poder de prover as necessidades mais imediatas de seu entorno nem de neutralizar a agressividade em geral.

24. Além disso, não se pode considerar como inserção social o pequeno conjunto de atividades nas quais alguns docentes da EFLCH relacionam-se mais diretamente com a população do bairro (por exemplo, por meio de atividades com escolas ou grupos culturais do bairro). Não é da natureza da universidade subordinar-se a determinações que lhe são extrínsecas ou a uma realidade local,

entendida como inculturação ou resposta à sociedade. Assim, na tentativa de corresponder, o quanto possível, aos níveis de exigência em pesquisa e docência, o corpo docente da EFLCH tem procurado desenvolver suas atividades à revelia dos problemas. Lembre-se ainda uma vez que a EFLCH possui um corpo docente destacado; muitos professores, inclusive, em que pese a maioria de jovens doutores, possuem trabalhos de projeção internacional.

25. Ao dedicar-se como pode à pesquisa e à docência, o corpo docente atraiu negativamente, desde 2007, a atenção de autoridades municipais e federais que esperavam ações e atividades conjuntas em benefício do Bairro dos Pimentas. Não é casual que, desde 2007, diferentes grupos do bairro falem dos docentes da EFLCH como inadequados à realidade e mesmo como rivais. Já no movimento estudantil de 2007 e na primeira ocupação da Diretoria Acadêmica (após tentativa de invasão da Reitoria), os docentes foram ofendidos publicamente e considerados elitistas. A formação oferecida pela EFLCH foi considerada inútil para a conscientização política do bairro. Isso se agrava pelo fato de a maioria dos frequentadores do campus não provirem do bairro. Mesmo que a população do Bairro dos Pimentas não tenha, em bloco, rejeitado a EFLCH, é evidente que há uma tensão entre o bairro e o campus, pois este não atende às expectativas daquele, nem pode atender caso queira manter-se como campus universitário. Significativo é o fato de que a derrubada de parte do muro do campus (durante a última ocupação estudantil da Diretoria Acadêmica) foi feita por moradores do bairro e não diretamente pelos estudantes. Estes incitaram os moradores e, depois de derrubada parte do muro, os convidaram à refeição por eles preparada no restaurante universitário.

26. Pautando sua análise da crise da EFLCH pelos confrontos entre parte dos estudantes e a instituição universitária, a Diretoria Acadêmica do campus anunciou recentemente que membros do serviço de inteligência da Polícia Federal frequentarão o campus. Isso quer dizer, em outras palavras, que, na perspectiva da Diretoria Acadêmica, se for reforçada a segurança e se forem adotadas medidas emergenciais (como o aluguel dos dois edifícios industriais), voltar-se-á à normalidade, recobrar-se-á a institucionalidade da EFLCH e os estudantes não dispostos ao diálogo e à negociação serão “controlados”. Tal visão descuida, porém, de um dos fatores mais determinantes e permanentes da crise da EFLCH: o enfrentamento ideológico reiterativo com parte do movimento estudantil e a constatação de que essa parcela dos estudantes nutre vínculos ideológicos com movimentos políticos do Bairro dos Pimentas. Em todas as greves havidas, o tema do desajuste da EFLCH ao Bairro dos Pimentas vem à tona: a pesquisa e a docência da EFLCH são taxadas, além de elitistas, de reacionárias e fascistas, porque, como se diz, “não atendem aos trabalhadores e aos filhos dos trabalhadores do bairro”. O que essa parcela do movimento estudantil deseja é o que buscou concretizar com uma das ocupações da Diretoria Acadêmica em 2012: uma universidade popular, com partilha dos bens do campus, porque “a comunidade não tem acesso a eles”; dito de outro modo, uma “democratização” com base em saberes próprios à realização da “justiça social”. Esse tipo de movimento desvaloriza a tradição universitária e o processo de transmissão dos saberes que caracteriza o mundo ocidental há milênios.

27. O que se viveu em 2012 é apenas a última fase conhecida de uma tensão instalada desde 2007, quando os movimentos sociais do Pimentas decepcionaram-se com as ofertas que esperavam da EFLCH e quando representantes dos poderes públicos viram frustrado seu projeto de uma “universidade voltada para a periferia”. Por isso, não é mais possível ignorar a reiterabilidade da pauta de reivindicações do movimento estudantil e de suas declarações de insatisfação. Essa é uma situação de extrema gravidade, pois é preocupante que, em uma comunidade acadêmica, o corpo docente seja julgado como rival por discentes e movimentos sociais do bairro onde se encontra ou

que o corpo docente tenha de lutar para justificar sua existência e seu trabalho. Considere-se que a “cultura da violência” e o desaparecimento do respeito aos professores, colegas e funcionários, tragicamente rotineira nas escolas públicas, começa a atingir a Universidade: professores, funcionários e estudantes ameaçados, acuados e intimidados pela “cultura do medo”, com ameaças físicas e por escrito a professores em desacordo com essas práticas. A violência no tratamento institucional presente nas escolas públicas parece não tardar em dominar nosso campus.

28. Parte dos estudantes da EFLCH nutre ligações com diferentes movimentos políticos do Bairro dos Pimentas, dificultando seu diálogo com a instituição universitária. Desde 2007, há interferências no Campus Guarulhos, repetidas vezes e sob repetidas formas. O confronto de 14 de junho teve a especificidade de incluir enfrentamento físico mais acentuado, por meio de quebra de vidros e lançamento de pedras. A comunidade da EFLCH não dispõe de forças capazes de alterar esse quadro, tanto porque a tensão já está instalada, como porque o lado que a alimenta mostra-se articulado, com logística profissional (“foquista”, como dizem alguns) e postura de enfrentamento.

29. Desde 2007, com a abertura do campus, há quem desqualifique os docentes, tratando-os como “inimigos de classe”. O fato de a imensa maioria da comunidade da EFLCH provir de fora do bairro indica o tipo de relação social que se nutre no entorno do campus e dentro dele. Um grave sinal dessa relação foi o fato de que, nas tardes do início da última greve estudantil, professores da rede estadual de educação de Guarulhos levavam estudantes do Ensino Fundamental e Médio ao campus para “aprender a luta com os companheiros”.

30. Isso não significa que todos os alunos da EFLCH residentes no Bairro dos Pimentas apresente essa mesma visão ou nutra o mesmo tipo de relação.

31. Um dado visível e incontornável que agrava essa tensão é o fato de praticamente a totalidade do corpo docente não ter nenhum vínculo residencial com o Pimentas. Por sua vez, a imensa maioria do corpo discente também não reside no bairro. Portanto, a única ligação de quase toda a comunidade acadêmica com o Pimentas é a frequência do campus, razão pela qual ela é vista como “estranha” ao ambiente socioeconômico e à cultura popular do bairro. Essa natureza estrangeira da população da EFLCH e o conjunto das tensões instaladas desfazem a idéia de que a Unifesp poderia ter evitado a crise atual. Tão somente a construção de prédios e a melhoria das condições gerais de vida no bairro não poderão desfazer o mal-estar, o isolamento e a inibição do potencial cultural e político da EFLCH.

32. Já há registros de docentes pessoalmente ameaçados por estudantes da EFLCH. Sabe-se que os membros da Diretoria Acadêmica também estão sob ameaça. Há registros de que o crime organizado interveio nas ações dos estudantes quando a presença da PM no bairro começou a se tornar mais frequente.

33. Não se deve pensar que fora do Pimentas não haverá conflitos de estudantes com a instituição universitária. O que se pretende enfatizar aqui a especificidade do conflito vivido pela EFLCH no Bairro dos Pimentas. Não cabe aos docentes da EFLCH entrar em conflito com essa ação no interior da vida universitária. A saída da EFLCH do bairro aliviaria, sem dúvida, tal tensão, se não a fizer mesmo desaparecer (desde que não se volte a instalar a EFLCH em um contexto análogo, isolado culturalmente, de acesso difícil e habitado pela mesma tensão). Os alunos não dispostos ao diálogo também não contarão com a proximidade de seus aliados profissionais e tenderão a integrar-se por meio do diálogo ou a dispersar-se.

F - Equívocos na justificativa para a EFLCH continuar no Bairro dos Pimentas

34. É prejudicial a ideia de que os cursos de filosofia e ciências humanas têm vocação natural para realizar a justiça social e que, portanto, têm os lugares mais pobres como uma espécie de lugar natural. Pela sua tradição histórica, a filosofia e as ciências humanas têm vocação para atuar de forma reflexiva e crítica na interpretação e produção dos conhecimentos intrínsecos a cada área do saber. Todo benefício social deve provir dessa vocação, sob o risco de se instrumentalizar a atividade filosófica e as ciências humanas. É bem sabido que a utilização instrumental de uma teoria descaracteriza-a, dando origem a ativismos e “ações diretas” (o que, por exemplo, ocorreu na Universidade San Marcos de Lima), rumando para a sua partidarização e seu fim.

35. Muito se defendeu que a EFLCH levaria democratização do ensino superior ao Bairro dos Pimentas. Hoje, grande parte da comunidade acadêmica não crê mais nisso, pois a experiência demonstrou o contrário. Na prática, a EFLCH não é “democrática” (se “democracia” implica facilidade de acesso), porque permite acesso fácil a uma pequena parcela de estudantes que moram nas proximidades do bairro e o dificulta à sua absoluta maioria.

36. Além disso, como pode fazer alguma justiça social um campus que afasta a população pobre, fazendo aumentar a especulação imobiliária nos arredores? O caso da USP-Leste é novamente paradigmático, pois, segundo dados oficiais, o campus não provocou nenhum benefício para a população que lá estava no tempo da fundação. Ao contrário, afastou-a, em virtude da especulação, e sofre ainda hoje com a evasão não só de alunos, mas também de docentes.

G - O REUNI, a Prefeitura de Guarulhos e a EFLCH

37. A expansão proposta pelo REUNI tem como um dos seus fundamentos o apoio político e infraestrutural das prefeituras das cidades nas quais se instalariam os novos campi. No caso de Guarulhos, tal não parece ter se evidenciado nos níveis esperados. Cabe perscrutar os motivos. Em primeiro lugar, há o já citado fato de que a maioria dos alunos não pertence à comunidade do Bairro dos Pimentas nem à cidade de Guarulhos. Mas o principal problema é de outra ordem: trata-se de uma comunidade carente de serviços básicos como transporte, assistência à saúde, distribuição de água, saneamento, segurança pública etc. Como imaginar que a prefeitura colocaria mais recursos em um equipamento público como um campus universitário em meio a uma comunidade cujas carências demandam serviços que lhe são, no mais das vezes, anteriores? A própria comunidade está organizada para exigir os serviços urgentes e para que sejam prioridade da governação. Assim, parece natural que a prefeitura tenha afirmado, por exemplo, não poder pagar o aluguel do prédio da Stiefel e que o MEC tenha de ter assumido tal ônus. As prioridades em equipamentos públicos naquela comunidade não se voltam para um campus de universidade.

38. Evidentemente se poderia citar, em favor da Prefeitura de Guarulhos e da manutenção do campus no Bairro dos Pimentas, o apoio recebido com a utilização do CEU-Pimentas, o terreno de número 300 da Estrada do Caminho Velho e o terminal de ônibus, mas isso é bem menos do que seria necessário e do que se poderia esperar de uma cidade que solicitou participação no processo de expansão das universidades federais. Haveria que ter observado lugares, as prioridades da governação municipal e suas possibilidades de efetivamente oferecer o previsto nos acordos. As tensões sociais decorrentes dos equívocos no entendimento do que significa construir um campus de filosofia e ciências humanas ficam, dessa forma, mais inteligíveis.

H - Possibilidades de uso mais adequado da verba reservada à instalação da EFLCH

39. Os aluguéis previstos para os prédios industriais são elevados (mais de R\$ 300 mil mensais) e demandam adaptação custosa e demorada, estimada, no caso da empresa Stiefel, em 6 meses. Em outros locais, como o centro de São Paulo, seria menos custoso o aluguel de prédios mais apropriados e já adaptados ao ensino superior e à pesquisa. Antes que a EFLCH seja transferida a esses locais e por preço tão elevado, convém questionar sobre a pertinência dessa solução. Qual a razão de se pagar um preço tão elevado para financiar um projeto cuja conveniência não está assegurada nem do ponto de vista acadêmico nem social?

40. Além disso, se o prédio da Stiefel foi projetado para usar o sistema de ar condicionado central, porque a Unifesp aceitaria abrir mão da adaptação, como se deu a entender em alguns pronunciamentos, obrigando a comunidade da EFLCH a adaptar-se a salas em que, por exemplo, não se pode abrir nenhuma janela?

41. A verba disponibilizada pelo Governo Federal para a construção do prédio principal do Campus Guarulhos, como anunciado pela Reitoria e pela Diretoria Acadêmica, gira em torno de R\$ 50 milhões, o que, como se disse anteriormente a título de comparação, equivale ao dobro do orçamento anual de subprefeituras paulistanas como a de Pinheiros e Campo Limpo. Por outra comparação bastante esclarecedora, vale dizer que seria possível comprar por R\$ 13 milhões, na Praça da República, centro de São Paulo, um prédio de 10 andares, com 5.000m², ar condicionado, automação predial, estrutura para rede de computadores, acesso para deficientes, salão de convenções. Sabe-se, além disso, que existem outros bairros em São Paulo cujo metro quadrado é mais barato do que nesse exemplo. É de perguntar, portanto, se investir R\$ 50 milhões na construção de um novo campus é prudente, quando se sabe que seria menos oneroso para o financiamento público comprar em outro lugar um prédio já pronto e com estrutura educacional. Antes, portanto, que se lancem os alicerces de uma obra tão cara, deve-se questionar sobre sua conveniência e sobre a conveniência de sua permanência em um contexto tão problemático como o aqui descrito.

I - A exclusão praticada pela EFLCH enquanto permanecer no Bairro dos Pimentas

42. Nas vezes em que alguns colegas propuseram para debate o tema da conveniência de a EFLCH permanecer no Bairro dos Pimentas, outros colegas e mesmo algumas instâncias da administração universitária adotaram posturas visivelmente autoritárias e fechadas a todo diálogo, como se a existência da EFLCH tivesse sido planejada não em função de um Projeto Acadêmico específico, mas irremediavelmente para o Bairro dos Pimentas ou a Prefeitura de Guarulhos. Há ainda professores, estudantes e funcionários que têm esse posicionamento na comunidade da Unifesp. Há mesmo colegas docentes que assumiram certa consciência vinculada ao bairro e que combatem pela permanência da EFLCH. Mas é curioso que os docentes, junto com as autoridades universitárias e dos governos municipal e federal, não consideram em sua análise os fatos que provam exatamente o contrário do que gostariam, em particular o fato de a EFLCH estar sendo excludente se permanecer no Bairro dos Pimentas, pois:

42.1. a quase totalidade dos estudantes reside longe do campus e, portanto, enfrenta as insolúveis dificuldades de acesso. Facilidade de acesso é reservada a uma pequena minoria, composta aliás por boa parte de estudantes não originários do bairro;

42.2. o período noturno visa principalmente acolher estudantes trabalhadores, mas, considerando-se que a maioria dos estudantes reside e/ou trabalha longe do Bairro dos Pimentas, os estudantes trabalhadores são prejudicados pelas incalculáveis complicações no transporte para o campus em horário de pico. Como se disse anteriormente, as salas de aula, no período noturno, começam a ser preenchidas pelas 20h, e os alunos começam a sair pelas 22h, quando o normal seria entre 22h30min e 23h. Só consegue frequentar o período plenamente o estudante que reside próximo ao campus ou que vai ao campus fora de horário de *rush*. Não se pode negar o caráter excludente da EFLCH sob essa perspectiva;

42.3. os estudantes trabalhadores dificilmente conseguem frequentar a biblioteca, a não ser em horário de aula, pois o horário anterior à aula, quando eles poderiam chegar ao campus, alimentar-se minimamente bem, conviver com os colegas e frequentar a biblioteca, é tomado intransigentemente pelo transporte. Esses estudantes, na prática, são excluídos do dinamismo universitário;

42.4. a EFLCH exclui sua comunidade do vínculo com a vida cultural formal, pois não tem proximidade com eles, dificultando ainda a realização de eventos no campus, como se indicou anteriormente. Essa é uma forma extremamente prejudicial de exclusão na vida de estudantes que devem ser estimulados a nutrir sua vida cultural. Ideal em uma universidade seria poder pressupor que seus estudantes possuem enraizados hábitos culturais e circulação intensa entre os elementos da cultura formal, pois, então, a universidade, sobretudo na formação em filosofia e ciências humanas, poderia desenvolver plenamente o caráter crítico de sua reflexão. No Brasil, porém, essa pressuposição mostra-se inteiramente fora de propósito, levando a universidade a ter de estimular seus estudantes a interessar-se por todas as formas de cultura, sobremaneira a cultura erudita, aquela que requer iniciação. Isso quer dizer que os estudantes já revelam elevado grau de exclusão, ainda que, muitas vezes, provenham de classes econômicas privilegiadas. A EFLCH, por todos os problemas levantados neste dossiê, só agrava seu caráter excludente permanecendo no Bairro dos Pimentas. Arrisca-se a tornar-se, com o decorrer dos anos, uma instituição de transmissão mínima de saberes, não logrando ultrapassar os níveis básicos de apresentação dos fundamentos das áreas que a compõem, sem poder desenvolver as potencialidades de sua presença na sociedade;

42.5. diferentes instâncias da Unifesp falam constantemente de mérito acadêmico ao tratar do tema do acesso à universidade. Todavia, em sua prática atual, a EFLCH impõe a seus estudantes também uma seleção segundo o critério da possibilidade de conviver com as dificuldades de acesso e de despender tempo no transporte. Isso termina por ser um critério prático de seleção e exclusão, sobretudo porque muitos estudantes com melhor preparo para bem acompanhar um curso superior desistem de frequentar a EFLCH, obrigando-a a receber estudantes semialfabetizados, para os quais seria de desejar um processo formativo específico que suprisse suas carências, introduzindo-os no mundo da cultura formal e permitindo-lhes encontrar as condições necessárias para futuramente acompanhar uma formação de nível superior. A EFLCH, afastando bons candidatos, dá continuidade à exclusão;

42.6. pelas razões aqui expostas e pela prática excludente em vários sentidos, a EFLCH tem enfrentado um grave problema, cuja solução parece não parece viável se no curto prazo ela permanecer no Bairro dos Pimentas: a evasão. Uma das principais causas é a dificuldade de acesso. Não se pode crer que a Unifesp terá condições para oferecer moradia estudantil a

todos os seus estudantes, inclusive porque muitos deles não desejam residir junto ao espaço de estudo. Além disso, se a maioria dos candidatos provém de outras localidades, sempre haverá na EFLCH um problema de evasão, porque a permanência nos cursos será sempre dificultada pela distância geográfica (para não relembrar aqui o tenso sistema de relações de enfrentamento de alunos com docentes e de alunos entre si).

J - Prognóstico 1: permanência no bairro

43. Com base no diagnóstico acima, há fortes razões para afirmar que, na hipótese de a EFLCH permanecer no Bairro dos Pimentas, a Unifesp continuará sendo vista como uma indesejável intrusa, portadora de valores incapazes de realizar anseios de revolução social. Há poucas razões para acreditar que os problemas de infraestrutura serão resolvidos de forma definitiva, mesmo a longo prazo. Em primeiro lugar, porque o prédio novo sequer foi licitado até o presente momento (julho de 2012). No período de sua construção, é possível que as atividades se deem nos prédios industriais, embora à Congregação a Diretoria Acadêmica tivesse dito que alugaria prédios educacionais. É inclusive provável que continuem sendo utilizadas as salas emprestadas do CEU-Pimentas. Certamente, não haverá salas para os professores. O prédio da Stiefel, porém, situa-se longe da atual sede do campus e muito próximo a um cruzamento movimentado, o que exigirá uma ação eficaz da Prefeitura de Guarulhos para garantir condições mínimas de segurança aos que se dirigirem a ele a pé, onerando-a ainda mais em sua ação no bairro. Em segundo lugar, ainda que o prédio novo esteja em funcionamento dentro de alguns anos, já há dúvidas de que ele atenderá a todas as necessidades do campus. Será necessária nova mobilização para que haja, por exemplo, adequadas salas para os professores, auditórios, salas de reunião, sala para exibição de audiovisuais, entre outras coisas que não estão contempladas no projeto de R\$ 50 milhões?

44. É necessário perguntar ainda: durante dois ou três anos (enquanto durarem as obras do campus definitivo) será possível desenvolver pesquisa e docência nos níveis de exigência com os quais os docentes são permanentemente avaliados? A Prefeitura viabilizará a segurança no entorno do campus provisório? Não estará sujeita a EFLCH a novas greves quando sua comunidade perceber que os prédios, tanto o provisório como o definitivo, não atendem às demandas? Mas, acima de tudo, supondo-se que se construam as instalações de qualidade condizentes com um bom campus universitário, creem a Unifesp, o Governo Federal e a Prefeitura de Guarulhos que será interrompida a reiterabilidade das causas da crise da EFLCH, tal como apontado acima? Creem essas diferentes instâncias que a posição de enfrentamento será dissolvida?

45. Não se parece resolver o problema de acesso ao Campus Guarulhos sem um transporte de massa para o Bairro, o que não é possível prever, já que não existe qualquer projeto de expansão do metrô ou da CPTM para lá. Os estudantes continuarão chegando atrasados e desperdiçando boa parte de sua vida universitária dentro de vans ou de ônibus (seja com velocidade arriscada seja a com lentidão característica dos congestionamentos).

46. Permanecendo no Bairro dos Pimentas, a EFLCH terá de rever seu Projeto Acadêmico. Na realidade, terá de elaborar outro, pois, como mostra a experiência, lá não há condições para efetivar a concepção original de uma Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Grande prejuízo haverá para o conjunto da Escola, pois perderá as especificidades que a distinguiam no cenário universitário brasileiro.

K - Prognóstico 2: saída do bairro

47. Seria desejável traçar um quadro esperançoso aqui, mas, na atual conjuntura da EFLCH, o que se pode prever com razoável probabilidade é que a saída da EFLCH do Bairro dos Pimentas permitiria:

47.1. diminuição do tempo de deslocamento para a imensa maioria da comunidade acadêmica, desde que o novo local de instalação do campus conte com uma rede já existente e consolidada de transportes, mais correta e eficaz;

47.2. um ambiente livre dos conflitos com o Bairro dos Pimentas e específicos do bairro;

47.3. maior intercâmbio com outros agentes da cidade: universidades, artistas, poder público, comerciantes;

47.4. ampliação da capacidade de intervenção cultural da EFLCH, com a possível criação de grupos de estudo, cineclubes, oficinas, grupos de teatro, orquestra própria da Unifesp etc.;

47.5. possibilidade, se útil e desejável, de colaboração ou manutenção de projetos de extensão e/ou de formação de professores no Bairro dos Pimentas;

47.6. maior tempo de convívio e interação universitários, que, além de já expostos em vários dos itens anteriores, permitiriam a ampla participação nos eventos e atividades extraclasse promovidos pela universidade, como colóquios, palestras, minicursos etc., bem como uma aproximação entre todos os componentes da vida universitária, propiciando uma circulação de ideias e projetos de forma não-mediada, alargando os horizontes de interesses e de colaboração;

47.7. maior inclusão social e cultural da comunidade universitária, rompendo o rígido esquema excludente apontado no § 42;

47.8 diminuição significativa dos índices de evasão escolar;

47.9. caso a EFLCH seja instalada no centro de São Paulo, será inequívoca a contribuição também para os movimentos de revitalização do centro da cidade, não apenas pelo dinamismo que traz naturalmente um campus universitário, mas também por parcerias com grupos como, por exemplo, o Viva o Centro.

48. Alguns colegas da Unifesp notam que a mudança de lugar quebraria pactos já instalados entre os membros da EFLCH, criando, por exemplo, dificuldades para a locomoção de funcionários residentes em Guarulhos e mesmo de professores que mudaram de residência tendo em vista a facilitação de seu acesso ao campus. Esses colegas avaliam também o peso simbólico das expectativas criadas em torno das contribuições que eram esperadas da EFLCH para o bairro e o município. No entanto, no que diz respeito à quebra de pactos, esse critério não tem a relevância que reivindica, pois, considerando-se que é o corpo docente que oferece a maior base de sustentação e continuidade de um campus universitário, é de lembrar que a grande maioria do corpo docente da EFLCH reside em São Paulo Capital, sendo mínima a parcela dos que se mudaram para algumas cidades mais próximas ou de mais fácil acesso, como Arujá e São José dos Campos, por exemplo. Quanto aos funcionários, vários deles também residem em São Paulo. Boa parte reside em

Guarulhos, de modo que, se a EFLCH transferir-se para uma região de São Paulo com transporte público facilitado, pode ser o caso de que a ida ao trabalho seja mesmo mais fácil para eles. Quanto à dimensão simbólica da permanência no bairro, ela é contrariada pelo mal-estar consciente ou difuso retratado neste dossiê.

49. Tendo em vista a atual dissolução dos princípios originais do Projeto Acadêmico da EFLCH, é de respeitar que, no caso de alguns departamentos desejarem continuar no Bairro dos Pimentas, eles o possam fazer, sem que isso signifique constrangimentos para os que não o desejem. Como se disse anteriormente, o Projeto Acadêmico original só pode ser plenamente desenvolvido se a EFLCH, segundo o que os departamentos podem efetivar, for reestruturada em uma região de acesso facilitado, com elementos suficientes de vida cultural formal e sem o enfrentamento que caracteriza o movimento estudantil do Bairro dos Pimentas. Como se disse anteriormente, não se trata de defender aqui o abandono do bairro ou a retirada da Unifesp, mas a refundação alhures da EFLCH e a oferta de serviços ao bairro segundo possibilidades realmente ao alcance da universidade.

50. Começa a ser conhecido pela comunidade acadêmica paulistana que a Unifesp inaugurará um curso de Direito no Largo do Paissandu, no centro de São Paulo. O centro de São Paulo contém todas as condições propícias para a refundação da EFLCH, para que ela possa desenvolver-se amplamente e para que todo o aporte de recursos que já lhe foram destinados, marcadamente o humano, possa encontrar seus melhores meios de alcançar a plena maturidade. Os estudantes do Bairro dos Pimentas poderiam ter subsídios para deslocar-se até centro de São Paulo, o que seria de ordem muito mais reduzida do que o “porta-a-porta” anunciado, cujo custo mensal está previsto em R\$ 130 mil. Por metrô, trem ou corredores de ônibus, os estudantes da Zona Leste, Norte, Sul, de cidades do Alto Tietê, chegariam sem todas as dificuldades que enfrentam hoje para ir até Guarulhos. Além disso, como se indicou anteriormente, há prédios nas regiões centrais de São Paulo bem menos dispendiosos do que o que se prevê com a construção do prédio principal do Campus Guarulhos. Não se teria assim um projeto mais vantajoso de utilização dos recursos públicos disponíveis? A EFLCH, no centro de São Paulo, teria todas as condições necessárias para desenvolver-se amplamente. Contribuiria ainda, de forma expressiva, para o movimento de revitalização do centro da Capital. Não demoraria, assim, a ter alguns de seus cursos entre os melhores da América Latina. Isolada no Pimentas ela tem quais perspectivas?

Guarulhos, 25 de julho de 2012.